

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

SIMONE ALVES MACHADO

CONTRIBUIÇÕES DA GESTALT-TERAPIA E DA GESTALTPEDAGOGIA PARA
A COMPREENSÃO DA APRENDIZAGEM: EMOÇÃO E COGNIÇÃO

São Paulo
2019

SIMONE ALVES MACHADO

CONTRIBUIÇÕES DA GESTALT-TERAPIA E DA GESTALTPEDAGOGIA
PARA A COMPREENSÃO DA APRENDIZAGEM: EMOÇÃO E COGNIÇÃO

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia do Curso de Pós-Graduação “Latu Senso” da PUCSP - COGEAE, sob a orientação do Prof. Dr. Carol Kolyniak Filho.

São Paulo
Outubro - 2019

"Aprender é descobrir que algo é possível"

- Fritz Perls

"O importante e bonito do mundo é isso: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando"

- Guimarães Rosa.

MACHADO, Simone Alves. Contribuições da Gestalt-terapia e da Gestaltpedagogia para a compreensão da aprendizagem: emoção e cognição. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, São Paulo, 2019, 30 pp.

RESUMO

Sanar as dificuldades encontradas em situações de ensino e aprendizagem é um dos objetivos que permeiam a Psicopedagogia. Compreender os possíveis entraves nessa questão e utilizar-se de diferentes abordagens e técnicas no contato com o aprendiz faz parte da rotina do especialista nessa área. Este trabalho nasceu da necessidade de ampliar a visão psicopedagógica para um olhar holístico para o aprendiz em que a emoção possa ser valorizada na construção de sua personalidade e em seu aprendizado, visto que muitas vezes esse elemento foi, e ainda é, menosprezado. Sob a abordagem da Gestalt-terapia e da Gestaltpedagogia apresenta-se neste trabalho elementos de compreensão de possibilidades psicopedagógicas que facilitem o processo de aprendizagem em uma relação interpessoal entre o aprendiz e o professor ou psicopedagogo. A metodologia utilizada é a abordagem qualitativa enfocando a pesquisa bibliográfica. Este trabalho percorre a história do estudo das emoções da antiguidade até chegar no campo da aprendizagem e o quanto a demora por estudos nessa área deixou de contribuir com a construção do entendimento da mente humana. As abordagens gestálticas aparecem neste trabalho como instrumentos válidos para superar os desafios contemporâneos e as necessidades daqueles envolvidos em situações de aprendizagem.

Palavras-chave: Psicologia, Emoção, Cognição, Aprendizagem, Afetividade, Educação, Gestalt-terapia, Gestaltpedagogia,

SUMÁRIO

Introdução	06
1- Emoções: Alguns aspectos históricos	10
1.1 Definição de emoções - conceito e etimologia	10
1.2 O estudos das emoções através da história da filosofia e psicologia	11
 2- Psiconêse Walloniana	 14
 3- GESTALT-TERAPIA E GESTALTPEDAGOGIA - a visão holística e a emoção na aprendizagem	 17
 4- As abordagens gestalt-terápicas no aprender - a viabilização do processo de aprendizagem	 24
 Conclusão	 28
 Referências	 30

INTRODUÇÃO

No século XX estudos sobre o processo de aprendizagem e desenvolvimento humano ocasionaram em teorias psicogenéticas de nomes conhecidos como Piaget, Vygotsky e Wallon. Esse foi o início de pesquisas que ainda hoje tentam entender o processo de aquisição de conhecimento. Destes autores, Wallon deu especial importância à afetividade pois percebeu que ela não poderia ser deixada de lado neste processo. Compreendeu ainda que trata-se de uma manifestação tanto biológica - representada pelas emoções - quanto psicológica - representada pelos sentimentos e desejos (WALLON, 1968). Assim, trouxe a tona a teoria da afetividade em que esta tem central relevância na construção da pessoa e do conhecimento.

Na Alemanha, entre o final do século XIX e os primeiros anos do século XX, como protesto contra a visão atomística das experiências humanas, em que os elementos nelas existentes são analisados separadamente, iniciou-se estudos sobre a percepção através da Psicologia da Gestalt, em que o todo é definido pelas interações e interdependências das partes que o compõe. Max Wertheimer foi um dos grandes nomes por trás desta teoria assim como os pioneiros Kurt Koffka, Wolfgang Köhler e Kurt Lewin.

Fritz Perls, psicoterapeuta e psiquiatra, também alemão, percebeu depois que a Psicologia da Gestalt não apresentava até então concepções específicas para fins terapêuticos e, surgiu com uma teoria na segunda metade do século passado com o intuito de associar o campo cognitivo ao afetivo percebendo o indivíduo de maneira holística, corpo-mente-emoção, incentivando-o a desenvolver o auto-conhecimento e ampliar sua consciência em sua relação com o mundo. Nascia então, a Gestalt-Terapia. Mais tarde, a partir das ideias de Perls há a adequação de sua terapia para a aprendizagem na Gestaltpedagogia que

"não quer simplesmente condenar o aprendizado cognitivo, quer, isto sim, integrar o aprendizado cognitivo e o emocional, isto é, eliminar a negligência com que foi tratado até o momento o aprendizado emocional e, por outro lado, deseja a super enfatização do aprendizado cognitivo, em favor de uma integração

de ambos, motivo pelo qual é muitas vezes designada na literatura como 'educação integrativa'" (BUROW E SHERPP, 1985, p. 115)

A busca pelo reconhecimento da importância e o entendimento das frustrações afetivas na aprendizagem, ainda atuais, é motivo para que os estudos sejam intermináveis. A afetividade conduz comportamentos. Sem ela não há interesse ou motivação e sua relevância no processo de aprendizagem deve ser considerado.

As questões afetivas, deste modo, são significativas para este trabalho como objeto de estudo no que tange a formação do indivíduo e como elemento fundamental na aprendizagem uma vez que orientam a tendência natural do indivíduo a fazer e repetir aquilo que o faz bem e se distanciar e evitar o que não faz.

Segundo Galvão (1995, p. 57.):

O estudo das emoções é exemplar para demonstrar a utilidade da dialética como método de análise para a psicologia. Manifestação de natureza paradoxal, a emoção encontra-se na origem da consciência, operando a passagem do mundo orgânico para o social, do plano fisiológico para o psíquico.

Buscando pelo apoio às questões que entravam a aprendizagem e almejando viabilizar sua fluidez, o campo da Psicopedagogia vem amadurecendo cada vez mais no Brasil. Segundo Macedo (1992, p. 8) essa área de atuação "requer uma formação de nível interdisciplinar, o que já é sugerido pelo próprio nome" evidenciando a relevância de um olhar integral para o sujeito. O estudo da Gestalt-terapia e gestaltpedagogia tem sido cada vez mais frequente no que tange questões de aprendizagem uma vez que também apresentam fundamentos sistêmicos e holísticos.

Fritz Perls e a gestaltpedagogia apresentam abordagens recentes e possibilitam interessantes reflexões e práticas dentro de salas de aula e no atendimento psicopedagógico sobre como lidar com a, ainda, carência de atenção à afetividade no processo de aprendizagem.

É importante dizer que à Gestalt-terapia faltou fundamentação teórica e sistemática visto que com o intuito de desintelectualizar o processo terapêutico Perls focou em sua prática. Houve pouca produção literária a respeito e isso o incomodou pois, no final de sua vida,

"Perls percebeu que não obstante os perigos de superintelectualização, algumas afirmações teóricas de sua abordagem eram necessárias para impedir que suas ideias fossem reduzidas a um conjunto de truques e tentativas de curas psicoterapêuticas instantâneas" (FADIMAN, JAMES, 1939, p.126)

Ainda assim, a Gestalt-terapia traz uma síntese de abordagens que propõem a compreensão do comportamento humano orientando para o crescimento, sendo importante para a dinâmica do potencial humano.

Dessa maneira, tem-se como objetivo geral deste estudo enfatizar a importância de se considerar a afetividade, a emoção no processo de aprendizagem para compreensão integral do indivíduo. E como objetivo específico apresentar a abordagem holística da gestalt-terapia e gestaltpedagogia como possibilidade de intervenção neste processo.

Nesse sentido, serão abordadas as seguintes questões no decorrer deste trabalho:

- Se questões de cunho afetivo não forem levadas em conta a aprendizagem pode ocorrer de maneira ineficaz ou com entraves?
- Como a relação do aprendiz com um professor ou psicopedagogo pode significar no campo afetivo?
- Como a Gestalt-terapia e Gestaltpedagogia podem dar apoio à essas questões?

Partindo de uma revisão bibliográfica este trabalho descritivo de cunho qualitativo visa estudar a partir da visão holística da Gestalt-terapia e da Gestaltpedagogia as relações e relevâncias existentes entre a cognição e a emoção e como se dão na aprendizagem. Serão levantados neste trabalho

estudos recentes sobre as abordagens citadas dentro deste contexto e serão feitos alertas para possíveis entraves na aprendizagem pela não consideração da afetividade, assim como suas consequências.

Para tanto, no primeiro capítulo abordaremos a emoção e a história de seu estudo para chegar então em suas implicações na aprendizagem. No segundo capítulo trataremos de contribuições da Psicologia Psicogenética de Wallon. Em seguida, será apresentado a história e conceitos da Gestalt-terapia e Gestaltpedagogia com foco em suas contribuições à aprendizagem. Dando continuidade, no quarto capítulo será exposto as possibilidades de aplicações dos conceitos das abordagens gestalt-terapêuticas na aprendizagem, assim como reflexões sobre os pontos favoráveis e frágeis dessas concepções nesse contexto nas escolas e na psicopedagogia e seus desafios.

1- As emoções: Seu lugar no tempo e espaço em uma visão epistemológica

1.1 - Definição de emoções - conceito e etimologia:

Conceituar o termo emoção não é tão simples como talvez possa parecer. O próprio olhar para o estudo das emoções foi tardio em relação ao estudo da razão, por exemplo. Como resposta a estímulos externos que produzem experiências subjetivas e alterações neurobiológicas, as emoções tratam de aspectos como a afetividade, temperamento, personalidade, cognição, afetividade e inteligências interpessoais e emocionais. Conforme Damásio (1994, p.155) a etimologia da palavra sugere corretamente uma direção externa a partir do corpo: emoção significa literalmente “movimento para fora”.

Hoje, há na literatura, principalmente dentro das áreas da psicologia e filosofia, diversas concepções do que sejam as emoções. Tendo este trabalho viés psicológico focaremos nesse olhar.

Para Pinto, por exemplo:

A emoção é uma experiência subjetiva que envolve a pessoa toda, a mente e o corpo. É uma reação complexa desencadeada por um estímulo ou pensamento e envolve reações orgânicas e sensações pessoais. É uma resposta que envolve diferentes componentes, nomeadamente uma reação observável, uma excitação fisiológica, uma interpretação cognitiva e uma experiência subjetiva (2001).

Segundo Damásio:

A emoção é a combinação de um processo avaliatório mental, simples ou complexo, com respostas dispositivas a esse processo, em sua maioria dirigidas ao corpo propriamente dito, resultando num estado emocional do corpo, mas também dirigidas ao próprio cérebro (núcleos neurotransmissores no tronco cerebral), resultando em alterações mentais adicionais. (DAMÁSIO. 1994 p. 156)

1.2- O estudos das emoções através da história da filosofia e psicologia

Na antiguidade acreditava-se que uma das principais características que distinguia e tornava o homem superior ao restante dos outros animais era a habilidade de raciocinar. Ignoradas pela filosofia e estudiosos diversos, as emoções foram desconsideradas por serem dadas como inferiores. No século IV a.C., Platão, por exemplo, demonstrava maior interesse pelo pensamento lógico acreditando que as emoções atrapalhavam as ações que deveriam ser pautadas pela moral, ou seja, pela razão. Aristóteles, seu aluno, no entanto notou que as emoções tinham sim relevância no comportamento humano e que:

As emoções são "as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que elas comportam dor e prazer: tais são a ira, a compaixão, o medo e outras semelhantes, assim como as suas contrárias" (ARISTÓTELES, Retórica, livro II 2.1.1378a 20-23)

O filósofo entendia que havia um grande desafio em equilibrar a razão e a emoção. O que é demonstrado em: "Qualquer um pode zangar-se — isso é fácil. Mas zangar-se com a pessoa certa, na medida certa, na hora certa, pelo motivo certo e da maneira certa — não é fácil." (ARISTÓTELES, Ética a Nicômaco. p.9)

Em Ética a Nicômaco, inquirição filosófica de Aristóteles sobre virtude, caráter e uma vida justa, está implícito o desafio à nossa capacidade de equilibrar razão e emoção. Nossas paixões, quando bem exercidas, têm sabedoria; orientam nosso pensamento, nossos valores, nossa sobrevivência. Mas podem facilmente cair em erro, e o fazem com demasiada frequência. Como observa Aristóteles, o problema não está na emocionalidade, mas na adequação da emoção e sua manifestação. (GOLEMAN, 1995, p. 29)

Mais tarde, René Descartes, na França do século XVII, fomentou a ideia de que a dúvida era o princípio fundamental para promover o conhecimento e criou o método cartesiano. Nomeado assim a partir de seu nome latino, Renatus Cartesius. Este método consiste em algumas regras para se constituir em si: verificar, analisar, sintetizar e enumerar. O filósofo com base nesse sistema

pretendia provar a existência do próprio eu e mesmo de Deus. Nasceu assim a célebre frase *Ego cogito ergo sum*, "penso, logo existo" na quarta seção de O discurso do método de 1637. Descartes favorece a razão e, não só isso; entende que mente e corpo devem ser entendidas de maneira isoladas:

Por isso eu soube que era uma substância cuja essência integral é pensar, que não havia necessidade de um lugar para a existência dessa substância e que ela não depende de algo material; então, esse "eu", quer dizer, a alma por meio da qual sou o que sou, distingue-se completamente do corpo e é ainda mais fácil de conhecer do que esse último; e, ainda que não houvesse corpo, a alma não deixaria de ser o que é. (1970, p. 101)

A partir da renomada frase e em desacordo com o filósofo moderno, o neurocientista português Antonio Damásio propõe na obra O erro de Descartes que:

Considerada literalmente, a afirmação ilustra exatamente o oposto daquilo que creio ser verdade acerca das origens da mente e da relação entre a mente e o corpo. A afirmação sugere que pensar e ter consciência de pensar são os verdadeiros substratos de existir. E, como sabemos que Descartes via o ato de pensar como uma atividade separada do corpo, essa afirmação celebra a separação da mente, a "coisa pensante" (*res cogitans*), do corpo não pensante, o qual tem extensão e partes mecânicas (*res extensa*). (1994. p.255)

Damásio, ao contrário de Descartes não desassocia corpo e mente. O autor a partir de uma abordagem integrativa da razão e da emoção acredita que a neurociência e psicologia investigativa podem caminhar juntas. Ele chegou a essa premissa observando pacientes seus e outros casos em que estes apresentavam lesões do córtex frontal e por isso tenderam a demonstrar incapacidade em tomar decisões.

O principal enfoque em O erro de Descartes é a relação entre emoção e razão. Baseado em meu estudo de pacientes neurológicos que apresentavam deficiências na tomada de decisão e distúrbios da emoção, construí a hipótese (conhecida como hipótese do marcador somático) de que a emoção era parte integrante do processo de raciocínio e poderia auxiliar esse processo ao invés de, como se costumava supor, necessariamente perturbá-lo. (DAMÁSIO. 1994, p. 10)

No entanto, entre o século XIX e XX, houve enfoque dos estudos psicológicos sobre o behaviorismo que traz o nome de B. F. Skinner como destaque. Nesse momento "só o comportamento, o que podia ser objetivamente constatado, poderia ser estudado com precisão científica. Os behavioristas decretaram que toda a vida interior, inclusive as emoções, estaria interdita à pesquisa científica." (GOLEMAN, 1995, p. 70).

A partir da primeira metade do século passado iniciou-se uma "revolução cognitiva" em que o enfoque passou a ser em como se dá a inteligência e armazenamento da informação. Assim, mais uma vez o estudo das emoções continuou em segundo plano, mas não esquecida. Esse momento foi relevante pois, as emoções já não eram completamente descartadas dando aos poucos, passos para ser objeto de estudos. E de fato, o olhar para essa questão foi ganhando espaço nas investigações de diversas áreas da psicologia como psicologia do desenvolvimento, psicologia da personalidade, psicologia cognitiva, psicologia clínica e em outras áreas também como na própria filosofia, antropologia e em neurociência (Solomon, 1993).

2- Psicogênese walloniana - As questões emotivas encontram espaço na aprendizagem.

Criado na década de 1930 pelo psicólogo suíço Jean Piaget, o estudo da psicogênese foi um passo importante para compreender o processo de aprendizagem. Essa teoria do conhecimento estabelece a existência da relação da mente (psique humana) e a gênese dos processos evolutivos no indivíduo tendo como objeto de estudo o conhecimento humano. Piaget deu especial atenção a como se dão as funções psíquicas na infância através de estágios do desenvolvimento do indivíduo e no vínculo do meio-ambiente com a aprendizagem. Para o psicólogo o desenvolvimento da criança se dá pela maturidade intelectual e emocional dependendo dos aspectos biológicos que a afetam como indivíduo com suas conexões cerebrais, motricidade e percepção. Assim só ocorrerá a aquisição de um novo conhecimento quando houver maturidade e a criança, puder assimilá-lo adequadamente em um processo de adaptação contínua.

Contemporâneo de Piaget, Henri Wallon foi, também, um teórico da psicogênese, e um dos poucos de sua época que defendia a ideia de um desenvolvimento integral (holístico) do indivíduo. Baseava-se em três dimensões que coexistem - motora, afetiva e cognitiva. Aprofundando e focando seus estudos sobre a afetividade elaborou a teoria da emoção, em que postula que ela se desenvolve no período impulsivo-emocional, que vai até o primeiro ano de vida de uma criança e em que a afetividade predomina. Assim, o choro de um bebê ou a movimentação de braços e pernas são expressões de emoções e sensações necessárias para sua sobrevivência, como a fome, sono, alegria ou tristeza, por exemplo. Para ele "o lugar que as emoções ocupam no comportamento da criança, a influência que continuam a exercer sobre o adulto, mais ou menos abertamente ou em surdina, não é um simples acidente, uma simples manifestação de desordem. Organizadas, elas têm, ou tiveram, sua razão de ser." (1979 apud GALVÃO, 2003, p.61).

Sobre a emoção e a afetividade na obra de Wallon, Galvão diz que:

As emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimos. Todavia não o são. A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações. (1999, p.61)

Essas emoções não são controladas pelo indivíduo uma vez que não são racionais e sim uma ativação orgânica. A partir delas há o desenvolvimento motor e cognitivo e pode-se saber se a criança está sendo afetada de modo positivo ou negativo e assim, entender o que ela quer e precisa.

O autor, assim como Piaget, também sob a perspectiva da psicogenética, dividiu o desenvolvimento do indivíduo em estágios: impulsivo-emocional, sensório-motor e projetivo, personalismo, categorial e, por último, adolescência. Dessa forma, como já mencionado, no primeiro estágio há a preponderância da afetividade, porém da fase sensório-motora e projetiva em diante outras dimensões do desenvolvimento se alternam. Sobre os estágios do desenvolvimento Gratiot-Alfandéry diz:

Para Wallon, o surgimento de uma nova etapa do desenvolvimento implica na incorporação dinâmica das condições anteriores, ampliando-as e ressignificando-as. A criança atravessa diferentes estágios que oscilam entre momentos de maior interiorização e outros mais voltados para o exterior, sendo possível demarcar alguns deles ao longo do desenvolvimento infantil. (2010, p.35)

O desenvolvimento, nessa perspectiva passa por uma sucessão pendular entre o domínio afetivo e cognitivo de maneira integrada.

Percebemos então que Wallon, ao tratar da afetividade entende a relevância das emoções no processo de aprendizagem pois, para ele, são vistas como orgânicas e como uma força mobilizadora para que o indivíduo realize suas necessidades. Wallon afirma que a expressão emocional é

fundamentalmente social, pois precede e supera os recursos cognitivos (Dantas, 1992 apud Wallon, 2007)

A teoria psicogenética Walloniana traz ainda três princípios básicos que explicam como se dão as dimensões, motora, afetiva e cognitiva. Como primeiro princípio, temos a lei da alternância funcional, como já mencionado, que afirma que as dimensões da afetividade e cognição se alternam nos diferentes estágios de desenvolvimento. A interação dessas dimensões será responsável por fomentar as funções cognitivas na criança. A lei da preponderância funcional traz a ideia de que em cada estágio uma das dimensões predomina, mas não exclui as outras duas. E por fim, a lei da integração funcional, em que na progressão dos estágios do indivíduo há a incorporação de novas aquisições que são agregadas às conquistas passadas. Essas “experiências passadas não se perdem, permanecem latentes até que algumas situações as faça ressurgir” (LIMONGELLI, 2014).

Pensar em Wallon neste trabalho é importante pois, sua teoria da afetividade traz para o campo da aprendizagem a relevância necessária às emoções. Segundo Gratiot-Alfandéry (2010, p.37), "Wallon detalha minuciosamente as origens orgânicas da emotividade, menos para justificar uma visão biologicista e mais para destacar sua maneira de compreender a natureza humana. A teoria psicogenética de Wallon vê a afetividade, e por conseguinte, a emoção, como chave para o crescimento e desenvolvimento do indivíduo. Para ele, o ser humano é organicamente social.

Também de igual importância para este trabalho é trazer a visão holística em sua teoria psicogenética. Wallon via a criança em sua totalidade de maneira concreta e ativa em contato como meio social. Essa visão holística do indivíduo junto à relevância da afetividade no campo da aprendizagem abre o espaço à emoção que até então pouco era abordada. O atraso dos estudos referentes a essa questão, como já mencionado, no entanto demonstra que ainda falta que as teorias wallonianas no tocante à afetividade e emoção chegue ainda mais às práticas pedagógicas e saia dos livros e trabalhos acadêmicos.

3- GESTALT-TERAPIA E GESTALTPEDAGOGIA - a visão holística e a emoção na aprendizagem.

Como protesto contra as tentativas de compreensão advindas de análises atomísticas - segundo a qual os elementos de uma experiência são explorados separadamente reduzidos aos seus componentes simples- a psicologia da Gestalt começou a se desenvolver na Alemanha e Áustria entre o final do século XIX e os primeiros anos do século XX. O termo Gestalt, ou Gestalten, tem origem alemã, e hoje é adotado em todo o mundo. Isso ocorre porque não há uma tradução exata em outra língua.

A palavra Gestalt apareceu em 1523 (em uma tradução da Bíblia). Ela é formada a partir de um particípio passado: *vor Augen gestellt*— “colocada diante dos olhos, exposta aos olhares” e tem, então, a mesma etimologia de...prostituta— “colocada na frente,exposta aos olhares”(sic!). A raiz indo-européia *sta* (estar em pé) deu margem a um enorme campo semântico; por exemplo, grego: *statos* (rígido); latim: *stare* (em pé); alemão: *stall* (posição, domicílio), *stehem* (em pé); inglês: *stay*, *stand* (em pé); francês: *stage* (estágio), *station* (postura), *stable* (estável), *installer*(instalar), *établir* (estabelecer), *état* (estado), *rester* (ficar), *arrêt* (parada), *exister*(existir) etc. (GINGER e GINGER, 1995, p. 14)

A teoria Gestáltica ou "teoria da forma" tem como um dos principais temas tornar explícito o que está implícito e faz parte dos estudos da percepção humana. Um dos seus principais representantes foi Max Wertheimer (1880-1943), assim como Kurt Koffka (1886-1941), Kurt Lewin (1890-1947) e Wolfgang Köhler (1887-1967).

O princípio mais importante da abordagem gestáltica é o de propor que uma análise das partes nunca pode proporcionar uma compreensão do todo, uma vez que o todo é definido pelas interações e interdependências das partes. As partes de uma gestalt não mantêm sua identidade quando estão separadas de sua função e lugar no todo.(MAYER, 2002, p. 129)

Resgatando o sentido da palavra Gestalt enquanto "forma" é interessante entender que "uma gestalt é um fenômeno irreduzível. É uma essência que aí está e que desaparece se o todo é fragmentado em seus componentes" (Perls, 1976b, p.63).

Um dos principais conceitos dessa abordagem refere-se à exploração do modo como as partes se relacionam com o todo e em como os indivíduos para alcançar o equilíbrio se adaptam. Trata-se do conceito de todo e parte. Isso ocorre como objetivo de tornar suas percepções significativas. Para isso ocorre uma distinção contínua entre o que é figura e o que é fundo, outro conceito da Psicologia da Gestalt.. Segundo Ginger e Ginger:

Todo campo perceptivo se diferencia em um fundo e em uma forma, ou figura. A forma é fechada, estruturada. É a ela que o contorno parece pertencer. Não podemos distinguir a figura sem um fundo: a Gestalt se interessa por ambos, mas, sobretudo, por sua interrelação. (1995, p. 38)

Neste sentido, a figura é aquilo que está sendo de maior importância para o indivíduo. No entanto, esta figura pode tornar-se fundo em questão de segundos e viceversa. Para Perls, no entanto "deve ficar estabelecido, em todo caso, que a escolha dos elementos que se apresentam é o resultado de muitos fatores, que podem ser colocados sobre um denominador comum, o interesse." (1976, p. 20). Como exemplo imaginemos alguém que entra em uma sala com muita sede. Nesse contexto será figura uma jarra com água sobre a mesa. Todo o resto será o fundo. Assim que a sede for saciada, um novo processo se inicia e será gerada uma nova figura. Quando há falha no contato com o meio a figura não é formada de modo natural e não se destaca.

"Algo no ambiente está obliterado, alguma necessidade orgânica vital não está sendo expressa; a pessoa não está 'toda aí', isto é, seu campo total não pode emprestar sua urgência e recursos para o completamento da figura (Perls, Hefferline e Goodman, 1997, p 46)

Além do conceito de figura e fundo, a Psicologia da Gestalt trouxe a ideia de homeostase, um processo em que o organismo tende a autorregulação a partir do contato com o meio com o fim de manutenção do seu equilíbrio e saúde. Por

fim, o aqui e o agora revela nessa abordagem experimentar a realidade interna e externa como ela se manifesta. Para Fukumitsu "é o presente que oferece tudo o que é necessário para a compreensão da realidade subjetiva e objetiva. Estar no aqui e agora é entender que minha percepção pode ser explicada somente pelo agora." (2012, p. 46).

A partir da teoria da gestalt e da psicanálise de Freud, o médico alemão Fritz Perls (1893-1970) desenvolveu uma forma de psicoterapia de orientação gestáltica. Perls atuou como psicanalista até 1941, mas sua formação é muito eclética e passou por importantes psicanalistas como Otto Fenichel e Karen Horney. Passou também por Wilhelm Reich_e foi assistente de Kurt Goldstein, que pertencia ao grupo da psicologia da gestalt, e foi muito influenciado pela filosofia fenomenológica e existencialista.

Gestalt - Terapia é uma versão integrada da fenomenologia e da terapia comportamental. Sua orientação é similar à fenomenologia porque respeita a experiência interna do indivíduo. A proposta dessa abordagem é associar práticas cognitivas à emoções e sentimentos do indivíduo, com o objetivo de perceber novas maneiras de enfrentar possíveis situações de dificuldade em um futuro. É também conhecida como "Terapia do Contato", e busca a interação com as partes conhecidas e desconhecidas da identidade do indivíduo, fazendo com que possa desenvolver o seu potencial, o autoconhecimento e o crescimento como ser humano. O mundo vivencial é compreendido através da descrição direta que o próprio sujeito faz de sua situação única e o encontro do terapeuta e paciente se constitui em um encontro existencial entre duas pessoas em sua totalidade e não meramente com a função de ser um terapeuta e outro paciente.

O gestaltista está atento aos diversos indícios comuns de reações emocionais subjacentes, tais como discretos fenômenos de vasodilatação no rosto ou no pescoço (traduzidos em ligeiras e efêmeras modificações da cor da pele), mini contrações do maxilar, mudanças no ritmo da respiração ou da deglutição, mudanças bruscas no tom da voz, mudanças na direção do olhar e os "micro gestos" involuntários das mãos, pés ou dedos. Vale lembrar que neste trabalho já foi explanada a visão das emoções como reações orgânicas do ser humano.

Nesse contexto, tais reações irão dar como pistas das Gestaltes abertas e inacabadas que se revelam no presente, pois a linguagem não verbal é tão considerada quanto a verbal apenas. O não dito fornece tanta informação quanto o que pensa ou diz. A Gestalt-terapia dá ênfase em ampliar constantemente a consciência da maneira como o indivíduo se comporta, e não em analisar a razão pela qual se comporta de tal forma pois há preponderância do como sobre o porquê.

O trabalho do gestalt-terapeuta é orientar seu paciente para que ele atinja a consciência (awareness), ligada ao aqui-e-agora, em que Perls, Hefferline e Goodman se referem como "processo de estar em contato vigilante com o evento de maior importância no campo indivíduo/meio" (1997, p 42). Isso deve ocorrer na interação com o meio em todos os seus níveis: sensorial, emocional, cognitivo e energético, ou seja, em sua totalidade. Essa tomada de consciência faz com que o organismo se ajuste ao meio e tende a evitar então que mecanismos que levam a situações e comportamentos repetitivos e a bloqueios de contato com a realidade ao redor, medos e ilusões cessem e o indivíduo modifique a maneira que lida com o meio.

A Gestalt-terapia, encontrou seu espaço na educação com o russo Hilarion Petzold, radicado na Alemanha em uma época em que o estudo da pedagogia era embasado em princípios muitas vezes também filosóficos.

No fim dos anos 60, muito se criticava o sistema público de ensino, uma vez que se percebia que nada mais era do que um sistema compulsório em que a burocracia era priorizada e em que o aluno não tinha seu tempo de aprender respeitado já que havia uma uniformização pré determinada para o aprender.

Assim, houve várias pesquisas e experimentos na área educacional com o olhar da gestalt-terapia uma vez que se percebia que as escolas valorizavam a cognição e pouca a emoção. Garlich (1974) diz que "os objetivos do ensino fundamentam-se predominantemente no âmbito cognitivo; à dimensão afetiva do aprendizado concede-se no máximo um valor instrumental (por exemplo, motivação de desempenho, interesse em pesquisar)."

Dessa maneira, a Gestaltpedagogia surge pensando em associar o campo cognitivo ao afetivo utilizando as ideias da Gestalt-terapia na pedagogia, e mais tarde na psicopedagogia.

Nessa abordagem é resgatada a ideia de figura e fundo. Para o professor ou psicopedagogo cabe orientar para que o indivíduo aprenda e organize determinado saber percebendo antes a totalidade e por fim as partes e interconexões que o constituam em uma unidade significativa.

Dessa forma, a gestaltpedagogia também acredita que o aprendente deve ser visto em sua totalidade - físico, psicológico, escolar e social - e em sua unidade - corpo-mente-alma- assim sua percepção sobre a realidade indicará a figura e o fundo dentro de uma situação de ensino e aprendizagem. Nessa visão, só terá a atenção do indivíduo aquilo que para ele se fizer em evidência por ser sua prioridade, a figura, o restante não terá sua atenção e será então, o fundo.

Por conseguinte, essa abordagem parte das necessidades do aluno, sendo esse o ponto de partida de uma aula pois, as condições motivacionais e emocionais do aprendente tornam-se figuras que o nortearão para a aprendizagem, sua atenção, percepção e memória e criando-se situações de ofertas de aprendizagem

Para a Gestaltpedagogia, o indivíduo aprendente, encontra-se a si mesmo e atua sobre a sociedade em um processo de crescimento dele e do meio e a relação professor-aluno é tão importante quanto a matéria em si. Essa relação criará a intersubjetividade, que é o princípio para a transmissão de um conteúdo.

A Gestaltpedagogia, partindo da psicologia humanística e Gestalt-terapia tem os seguintes objetivos:

- auto-encontro;
- auto-realização;
- recuperação de partes perdidas e reprimidas da pessoa;
- crescimento pessoal;
- desenvolvimento do potencial humano com um todo;
- auto-responsabilidade;

- estímulo da consciência;
- concentração sobre o aqui-agora

Assim como:

1. formação das próprias capacidades e habilidades;
2. sentir e realizar os próprios potenciais e possibilidades;
3. livrar-se de bloqueios com o meio.

Uma situação de ensino e aprendizagem com princípios da Gestaltpedagogia pode ser elaborada pensando no crescimento pessoal do aprendente através de atividades sócio-emocionais que estimulem a experiências próprias e oriente o aprendente a, por exemplo em um texto, questionar o que ele significa para ele, ao invés de buscar apenas o que o autor quis dizer com aquilo.

Burow & Scherpp (1985) descrevem uma situação em sala de aula em que foram usados fundamentos da Gestaltpedagogia.

A experiência consistia em um grupo de alunos de escola pública de Berlim. Um aluno foi vendado com o objetivo de tocar em um outro colega sem saber qual era. Deveria, assim, descobrir o outro pelo tato. Após a atividade perguntava-se o que cada um sentiu ao ser tocado ou ao tocar e pedindo para relatar a experiência sempre usando a palavra EU. O contato pareceu uma barreira a ser quebrada. Houve incômodo, timidez e risadas, mas desenvolveu-se a ideia da totalidade e das partes, próprias da Gestalt-terapia.

Para a Gestaltpedagogia, também é importante que o profissional, seja o professor ou o psicopedagogo, modifique a si mesmo e aplique os princípios da Gestalt-terapia em si, pois as resistências que ocorrerem também poderão ocorrer no aprendente. É interessante ao profissional que, na abordagem gestaltpedagógica, deva ter auto-confiança em si e no outro para assimilar e melhor saber lidar com a possível renitência futura do aprendente.

É o objetivo central da Gestaltpedagogia possibilitar ao indivíduo o desenvolvimento completo de suas capacidades e de todo o seu potencial. Para

tanto, é preciso apenas preciso que se criem as condições necessárias. Essa totalidade advinda desde a Psicologia da Gestalt relaciona os aspectos emocionais aos cognitivos na aprendizagem. Essa correlação ainda é frágil na prática da aquisição do conhecimento pensando no aprendiz e seu contato com o meio e com o professor ou psicopedagogo. Essa fragilidade e as possibilidades de facilitação do processo serão abordadas no capítulo que se segue.

4- As abordagens gestalt-terápicas no aprender - a viabilização do processo de aprendizagem.

Se nos capítulos anteriores houve uma recapitulação do estudo das emoções e do histórico das abordagens oriundas da Psicologia da Gestalt, agora observaremos como se dará todas essas concepções como possibilidades de prática pedagógica sem deixar de lado as fragilidades das abordagens ou dos envolvidos.

Ao tratar das emoções na aprendizagem seria inadequado não citar Wallon e sua teoria da afetividade. Porém, por que não parar nela? Por que trazer a Gestalt-terapia e Gestaltpedagogia?

Essas duas abordagens trazem ao contexto de aprendizagem a emoção, visto que partem da totalidade e unidade - corpo, mente, emoção - dos seres inseridos nas situações educacionais. Mas, mais do que isso, trazem a percepção tanto do professor ou psicopedagogo quanto do aprendiz. Essa percepção é que pode fazer toda a diferença no resultado final: a *awareness*.

O exercício prático que a Gestaltpedagogia agrega no ato do aprendizado vai além do que simplesmente se importar com as emoções. O professor ou psicopedagogo compreende o aprendiz como um ser humano total, com suas particularidades mas também em unidade, não em uma função específica. Ele também enfatiza os aspectos experienciais do indivíduo nas manifestações de suas emoções e também, de seu comportamento observando as relações interpessoais de aprendizagem. Esse olhar recai sobre o aprendiz porém o próprio profissional deve estar atento a todos esses aspectos em si mesmo para que não haja resistências de qualquer natureza quando houver o contato com o aprendiz. Assim, o contato será orientado pautando-se em um clima de franqueza, confiança e comunicação fluida. A relação se constrói, dessa maneira, intersubjetiva e horizontal.

O ensino orientado gestaltpedagogicamente exige um desenvolvimento no sentido de uma situação de ensino e aprendizado na qual as pessoas envolvidas levem a sério e respeitem umas às outras. Da mesma maneira que o aluno precisa estar pronto a aprender algo do professor, o professor precisa estar pronto a aprender algo dos alunos. As duas partes estão

condicionadas uma à outra e tiram proveito de uma troca mútua. Isso significa também que o professor desenvolve confiança na capacidade dos alunos aprenderem por si mesmos e que os alunos adquirem confiança no professor. (BUROW & SCHERPP, 1985, p. 148)

A relação interpessoal é fundamental para dirigir-se ao agir, sentir e pensar do aluno orientando-se por sua unidade e sua necessidade mais aparente.

Antes de retomar o conceito de figura e fundo, vale abordar a ideia da "fronteira de contato" desenvolvida a partir da parceria de Perls e Goodman. Para esses autores:

Todas as atividades de contatar o ambiente (ou ser contatado por ele) ocorrem ao longo de uma demarcação experiencial (e de modo algum necessariamente física) entre o que o organismo considera como sendo si próprio, o que já domesticou, por assim dizer, para seus propósitos, e o sertão, ainda desconhecido, que é a alteridade inexaurível do mundo. A essa margem flutuante onde ego e outro se encontram e algo acontece, a Gestalt-terapia dá o nome de "fronteira de contato" (Perls, Hefferline e Goodman, 1997, p 25)

Esse mecanismo trata de uma autodefesa do organismo quando a experiência não é boa e assim, prejudica o contato com o meio e possivelmente pode-se gerar comportamentos de repetições e bloqueios de contato que irão prejudicar o crescimento do indivíduo.

Ademais, a fronteira de contato é onde ocorre o crescimento — o que, afinal de contas, é o assunto da psicoterapia — porque é onde a necessidade emergente de uma pessoa e o que está disponível no ambiente para satisfazê-la juntam-se ou digladiam-se, dependendo de se o encontro for amigável ou não-amigável. O crescimento surge da metabolização do desconhecido, que é assimilado do ambiente, tornando-o conhecido, o que o transforma num aspecto do self. (Perls, Hefferline e Goodman, 1997, p 25)

Além disso, o gestaltpedagogo deve sempre antever o que pode ser no ensino aprendizagem uma possível figura para o aprendiz. Mas, mesmo assim uma situação de aprendizagem nesse contexto parte do que se apresenta com maior significação ou importância para o indivíduo, seja no campo psíquico, seja no campo individual. A dinâmica contínua entre figura e fundo se destaca e se

dissipa de acordo com a emergência da necessidade e satisfação dessa necessidade por parte do aprendiz. No entanto, segundo Perls, Hefferline e Goodman (1997), se uma figura se apresenta opaca, confusa e sem energia, trata-se de uma "gestalt débil" e provavelmente houve falta de contato pois, alguma necessidade orgânica não está sendo expressa no aqui-e-agora. Podemos entender essa situação como as dificuldades enfrentadas pelos alunos nas situações de aprendizagem. A figura não é completa visto que o campo total não pode emprestar sua urgência e recursos para tal. Se houver equilíbrio, porém, o contato é restaurado e a gestalt é completada. A gestaltpedagogia estabelece como uma expressão natural da awareness a exclamação do "Ah!" em uma situação de aprendizagem, evidenciando o reconhecimento de uma nova descoberta intensificando evidenciando a relação de confiança entre os envolvidos.

A figura (gestalt) na awareness é uma percepção, imagem ou insight claros e vívidos; no comportamento motor, é o movimento elegante, vigoroso, que tem ritmo, que se completa etc. Em ambos os casos, a necessidade e energia do organismo e as possibilidades plausíveis do ambiente são incorporadas e unificadas na figura. (Perls, Hefferline e Goodman, 1997, p.45)

Assim, o processo de aprendizagem, na abordagem gestaltpedagógica, tem como base o contato com o meio. Desse modo, na troca de figura e fundo, na superação das fronteiras do contato e por fim no fechamento de *gestalten*, há a percepção do aqui-e-agora como meio de conscientização, de *awareness*. Em uma situação ideal na dinâmica figura e fundo, a figura que surge tem que ser completada. A sua não completude gera um aprisionamento em um conhecimento carente e não criativo que não será integral.

Uma prática de atendimento psicopedagógico norteado com base na Gestalt-terapia pode ocorrer como prática, com a realização de um jogo de raciocínio lógico. Algumas possibilidades de jogo podem ser UNO, xadrez, Crush, Damas ou quebra-cabeças diversos. Na situação de jogo o psicopedagogo assume uma postura ativa no atendimento e a intervenção se dará no aqui-e-agora. O jogo pode ser uma excelente prática nessa abordagem para que

o psicopedagogo observe em uma situação de lógica e desafio ao indivíduo possíveis bloqueios e dificuldade de contato com o meio. Para auxiliar e orientar o indivíduo no processo perguntas podem ser feitas durante o ato de jogar frente às dificuldades apresentadas, ou mesmo, às conquistas. Perguntas tais como:

- O que sente quando perde?
- O que sente quando ganha?
- O que te perturba?
- Você está satisfeito/ insatisfeito?
- Quer modificar algo?

Tais perguntas podem ser adaptadas à situação, mas é interessante que o psicopedagogo oriente para que as respostas sejam dadas na forma do EU, e que o indivíduo se expresse usando o tempo presente. Assim, a dificuldade e a emoção gerada por ela emergirá no aqui-e-agora. Esse contexto pode ser a oportunidade para que seja feita a expansão da fronteira de contato através da criatividade na situação de jogo. Ao psicopedagogo cabe demonstrar as variadas possibilidades de lidar com as emoções que surgem orientando a atividade para a autoconscientização e ampliação das próprias possibilidades do aprendiz frente aos desafios que aparecem no jogo, assim como a percepção de suas emoções em suas decisões jogo.

Em suma, cabe ao professor ou psicopedagogo a observação e atenção contínuas, a ele próprio e ao aprendiz para que tenha a percepção do que é figura e do que é fundo para o outro. É relevante que se tenha também o olhar para as gestalts abertas e orientar assim a superação das fronteiras de contato para que o aprendente perceba claramente as figuras no processo e atinja a *awareness*.

CONCLUSÃO

O homem procurando compreender seu mundo interno e externo sempre esteve atrás de um objeto para ser estudado. A razão foi tema de estudos desde a antiguidade. Como vimos, o mesmo não ocorreu com o estudo das emoções. A dicotomia do ser em um pensamento atomístico, tão criticado pela Psicologia da Gestalt, só postergou ainda mais a chegada de uma visão integral do indivíduo.

Este trabalho caminhou para entender as emoções em sua história de estudo passando pela filosofia com Platão, Aristóteles e Descartes e pela psicologia, com nomes como Piaget, Wallon e Fritz Perls para então culminar na aprendizagem.

As emoções, portanto, constituem a fonte mais poderosa de autenticidade, orientação e energia humana e, se bem direcionadas, podem proporcionar uma sabedoria intuitiva, informação vital e potencialmente proveitosa no existir das pessoas. Nesse contexto, a escola é o espaço para a permissão e o desenvolvimento da competência emocional, entretanto deve-se considerar que, para tal, o professor também precisa desenvolver essa competência considerando as suas frustrações e dificuldades que lhe são peculiares no exercício da profissão, observa-se então que é uma necessidade emergente. (GOLLEMAN, 1995, p, 59).

Muita mudança ocorreu no decorrer do tempo sobre os olhares para o aprendizado. Porém ainda há uma carência teórica mas, principalmente prática, para a abordagem das emoções, visto seu estudo tardio. As pessoas sentem cada vez mais a necessidade de lidar com elas e aprender com elas mas nosso sistema educacional e até mesmo a constituição familiar, como alguns dos fatores, dificulta isso.

Segundo Weiss:

“Triste é a escola que não acompanha o mundo de hoje, ignorando aquilo que seu aluno vivencia fora dela. Transforma aquele que inteligentemente a questiona e que saudavelmente se recusa a buscar um conhecimento parado no tempo num ‘portador de problema de aprendizagem’.” (1997, p.18)

A Gestalt-terapia e Gestaltpedagogia surgem para agregar ao aprendizado sua visão holística ao aprendiz permitindo sua percepção do todo e do aqui-e-agora. Perls, como mencionado anteriormente focou mais em uma prática terapêutica do que em deixar uma densa teoria e por isso muito foi criticado. Porém, Ginger e Ginger (1995, p.241) dizem que a Gestalt "nos parece uma ferramenta metodológica universal, permitindo uma visão diferente do homem e

seu meio, uma chave para abrir a 'fronteira de contato' entre o interior e o exterior, entre o eu e o mundo."

A Gestalt-terapia traz princípios que possibilitam trabalho diferenciado em vários ramos, como vimos, de maneira leve e com graça, desenvolvendo o crescimento pessoal e reflexão ininterrupta da realidade à sua volta em sua totalidade para só então compreender suas particularidades. A construção de conhecimento através do processo de sucessão figura-fundo levam a uma mudança de postura, perspectiva e paradigmas sendo instrumento para a autorreflexão e autoconhecimento.

Por fim, as contribuições dessas abordagens são coerentes com as carências encontradas no meio e nas dificuldades no processo de aprendizagem contemporâneas de uma nova cultura. Nelas todos os envolvidos nesse processo se transformam, crescem e evoluem de maneira integral.

A Gestalt soube integrar numa síntese harmoniosa — “o todo é diferente de suas partes”—múltiplas correntes terapêuticas e filosóficas deste século e assim prepara, à sua maneira, o advento de uma nova visão do homem, de um novo paradigma, na aurora da era que se anuncia, marcada pela passagem de uma busca do ter fragmentado e acumulado à do ser unificado e integrado, do “ter mais” ao “ser melhor”; A Gestalt não reivindica o status de ciência, mas tem a honra de continuar sendo uma arte—acompanhando o impulso da pesquisa contemporânea que permeia a física, a biologia e a filosofia, todas à procura da unidade da matéria e da energia, ou seja, do corpo e do espírito. A Gestalt poderia ser então uma chave de contato que permitiria empreender esta viagem apaixonante, à descoberta das riquezas insuspeitas da civilização da comunicação. (GINGER e GINGER, 1995, p, 241)

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Luciana. **Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática**. São Paulo: Summus Editorial, 2014.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad. Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 3a ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006 (Col. Biblioteca de autores clássicos)

_____. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross In: Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1973, v.4.

BUROW, O. & SCHERPP, K. **Gestaltpedagogia: um caminho para a escola e a educação**. São Paulo: Summus.1985.

COSTA, V.E.S.M. **A relação professor-aluno a partir da Gestaltpedagogia: a intersubjetividade como elemento significativo para a aprendizagem**. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Goiás. 2002. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/3777>>. Acesso em: 20 de outubro de 2019.

DAMÁSIO, Antonio. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Schwarcz, 1994

DESCARTES, René (1637), **The philosophical works of Descartes**, traduzido para o inglês por Elizabeth S. Haldane e C. R. T. Ross, vol. 1, Nova York, Cambridge University Press, 1970, p. 101.

_____. **Discurso do método**. Coleção Os pensadores, vol. XV. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

DANTAS, Heloysa. **A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**. In LA TAILLE, Yves de.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. **Teorias da personalidade**. São Paulo: Harbra, [1976] 1986.

FUKUMITSU, K. O. **Suicídio e Gestalt-terapia**. São Paulo, SP: Digital Publish & Print, 2012

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon : uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**/ - Petrópolis, RJ ; Vozes, 1995.

GARDNER, H. **A nova ciência da mente: uma história da revolução cognitiva**. São Paulo: Edusp. 1995.

GARLICH, ARIANE; **HEIPCHE, Klaus; MESSNER, Rudolf**. Didaktik Offener Curricula. Published by Beltz,, 1974

GINGER, Anne; GINGER, Serge. **Gestalt uma Terapia do Contato**.(tradução de Sonia de Souza Rangel). São Paulo. Ed. Summus, 1995.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional – a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**, Editora Objetiva, 1995.

Gratiot-Alfandéry, Hélène. **Henri Wallon**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; PINTO, Heloysa Dantas de Souza. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. [S.l: s.n.], 1992.

LIMONGELLI, A. M. A. . **Teoria de Henri Wallon e a formação psicológica do professor de Educação Física**. Educação , v. 4, p. 21-36, 2014.

MACEDO, Lino de. Prefácio. In SCOZ, Beatriz e outras (org.) **Psicopedagogia. Contextualização, formação e atuação profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

MAYER, Elizabeth Lloyd; in **Teorias da Personalidade**. São Paulo: Harbra, [1976] 1986.

PERLS, Frederick S., 1969b. **Gestalt Terapia Explicada**. São Paulo, Summus Editorial Ltda., 1976.

PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

PINTO, Amâncio da Costa, (2001). **Psicologia Geral**. n.a., Lisboa, Universidade Aberta. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.2/7588>> Acesso em 19 de outubro de 2019.

SOLOMON, R. C. (1993). **The philosophy of emotions**. In M. Lewis & J. Haviland (Eds.), *Handbook of emotions* (pp. 3-15). New York, NY: Guilford Press.

WALLON H. **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Isabel Galvão. Ed. Vozes, 1995.

WALLON, H. **Ecrits et souvenirs (textes de Wallon sur des auteurs de son choix)**. Enfance, n. 1- 2, p. 15, 1968.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

WEISS, M. (1997). **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. Rio de Janeiro: DP & A Editora.